

Hermenêutica como lógica das ciências humanas: uma interpretação segundo a filosofia de Gadamer

Hermeneutics as the logic of the human sciences: an interpretation according to Gadamer's philosophy

Amanda Milke¹
UNIOESTE

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens²
UNIOESTE

RESUMO

O artigo objetiva apresentar a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer a partir de conceitos centrais de tal pensamento estreitamente relacionados à temática do modo de ser das ciências humanas. O esforço segue o fio condutor da obra *O problema da consciência histórica*, especialmente em sua primeira, terceira e quinta conferências. O propósito é caracterizar as ciências humanas, tal como enfocadas por Gadamer, como ciências que se deixam reger por uma lógica hermenêutica, em contraste às ciências naturais, obedientes a uma lógica empírico-indutiva. Para evidenciar a posição paradigmática da hermenêutica nas ciências humanas, o escrito conjuga conceitos como o de compreensão, círculo hermenêutico, projeto antecipador da compreensão, *práxis* hermenêutica, historicidade e tradição (não necessariamente nessa ordem). Com isso, o artigo enfeixa notas sobre como tais conceitos hermenêuticos se articulam entre si no âmbito da epistemologia das ciências humanas aludida pelo próprio Gadamer.

PALAVRAS-CHAVE

Ciências humanas, compreensão, círculo hermenêutico, *práxis* hermenêutica, historicidade

ABSTRACT

The article aims to present Hans-Georg Gadamer's hermeneutics with an emphasis on central concepts of such thought closely related to the theme of the way of being of the human sciences. The effort

¹ Mestranda em Filosofia no PPGFil/UNIOESTE; Bolsista de Mestrado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: mandamilke@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8095-0053>.

² Professor dos programas de pós-graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE e da UEM, membro do GT de Filosofia Hermenêutica da ANPOF. E-mail: kahlmeyer mertens@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8572-8302>.

follows the guiding thread of the work *The Problem of Historical Consciousness*, especially in its first and fifth lectures. The purpose is to characterize the human sciences, as focused on by Gadamer, as sciences that are governed by a hermeneutic logic, in contrast to the natural sciences, which obey an empirical-inductive logic. To highlight the paradigmatic position of hermeneutics in the human sciences, the paper combines concepts such as understanding, hermeneutic circle, anticipatory project of understanding, hermeneutic praxis, historicity and tradition (not necessarily in that order). With this, the article brings together notes on how such hermeneutic concepts are articulated with each other and with the epistemology of the human sciences alluded to by Gadamer himself.

KEYWORDS

Human sciences, understanding, hermeneutic circle, hermeneutic praxis, historicity

1 INTRODUÇÃO

A separação das ciências é um fenômeno contemporâneo estabelecido no século XIX. Antes desse período, a palavra *filosofia* designava o conhecimento em sentido abrangente, tanto é que mesmo os saberes naturais eram ditos "*Philosophia naturalis*". Quando esta separação se deu (início esse coincidente com a modernidade, mas tendo sua consumação na contemporaneidade), foram as assim chamadas ciências naturais (*Naturwissenschaften*) que primeiro reivindicaram a prerrogativa de serem paradigma do conhecimento rigoroso; assim, estabeleceram seus padrões, leis e modelos e, conseqüentemente, seu fundamento para o conhecer em geral. Desse modo, podemos começar nossa exposição questionando basicamente que conhecimento seria esse ou, por outras palavras: o que é ciência? De saída, podemos assinalar ao menos duas acepções para essa palavra, discriminando várias doutrinas que procuram situar a ciência, *stricto sensu*, isto é, as chamadas *ciências positivas*, perante a filosofia. Cumpre, assim, elucidar que o termo "ciência" pode ser tomado em duas acepções fundamentais distintas: a) como *todo conjunto de conhecimentos ordenados coerentemente segundo princípios*; b) como *conjunto de conhecimentos dotados de certeza por se fundar em relações objetivas verificadas por métodos, suscetível de levar os que a cultivam a conclusões ou resultados concordantes*. (Japiassu, 1978)

As ciências naturais, tal como se sabe, têm sua metodologia baseada na indução, guiadas pelo modo de ser de seu objeto, a natureza ou a totalidade das coisas, contando com seus experimentos e teorias, definiram um modo de pesquisa e um modo de conhecer vigente e dominante até hoje: *o conhecimento científico objetivo-indutivo* que tinham como objeto de investigação a natureza. A característica mais marcante desse conhecimento de ciência natural é ser guiado por um método que ele mesmo determina para si.

Nota-se, entretanto, que alguns tipos de conhecimento não se encaixam nesse modelo indutivista, não só pelo critério metodológico, como também pelo caráter de seu "objeto" de pesquisa. Faltando-lhe um lugar propriamente assegurado, tais conhecimentos ora se apoiaram impropriamente no que as ciências naturais lhe ofereceram ou, do contrário, pretensamente se manteriam à deriva sem um

fundamento sólido, aguardando a adequação ao “objeto” a ser analisado.³ Essa era a situação dos saberes humanos que resultariam nas ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) na época em que as ciências naturais se firmaram por meio de uma verdadeira revolução científica (século XVII). É com vistas a este quadro que, mais tarde, surgirá a demanda por fundar as ciências humanas, tarefa essa concomitante a de estabelecer um fundamento próprio a estas ciências do homem e da sociedade, conquistando lugar livre e assegurado, frente ao das hegemônicas ciências naturais. A situação ora descrita coloca em perspectiva o problema da fundamentação dessas ciências responsáveis por uma imagem do humano. (Schaller, 1970)

O filósofo Hans-Georg Gadamer (1900-2002), em sua obra *O problema da consciência histórica* (1963), retoma e se dedica a tarefa de pensar o *topos* das ciências humanas, analisando sua história e os problemas a serem enfrentados. Ele propõe uma meditação sobre a fundamentação das ciências humanas evidenciando o quanto estas possuem, já na lógica que lhe é própria, um acento hermenêutico, e indicando o quanto uma tomada de consciência histórica estaria relacionada ao modo de ser das referidas ciências. Buscando acompanhar os passos da meditação gadameriana, o presente artigo compreende as seguintes seções: i) As ciências humanas em contraste com a lógica indutiva das *ciências naturais*; ii) A práxis hermenêutica, a compreensão e a historicidade; iii) A estrutura circular da compreensão e a antecipação. É o que teremos a partir do próximo tópico.

2 AS CIÊNCIAS HUMANAS EM CONTRASTE COM A LÓGICA INDUTIVA DAS CIÊNCIAS NATURAIS

O tema nos chega com carga conceitual e problemas herdados de tematizações anteriores. Ao acontecer o movimento separatório das ciências, e, as ciências naturais ocupando seu espaço e já tendo consagrado seu método, surgiu o seguinte pressuposto: se as ciências da natureza estão fundadas de maneira bem-sucedida na lógica indutiva,⁴ podemos fazer desse mesmo modo com as ciências humanas que ainda dependem de uma delimitação estrita de seu campo e de uma fundamentação em um terreno próprio, funcionou uma vez e pode funcionar novamente. Entretanto, tal pressuposto não se procede por quatro motivos.

O primeiro é que as ciências humanas são um modo autônomo de saber, elas não se encaixam na ideia de exatidão científica pretendida pelas da natureza. (Reis, 2003) Este modo autônomo guarda uma ligação com a filosofia, gerando assim um problema filosófico ao requisitar fundamento: caso esta se submeta ao método das ciências da natureza, ela se torna uma filosofia “científica”, mero instrumento das ciências naturais. (Lessing, 2019) E dizemos fundamento em vez de método, porque a ideia de método vinculada também as ciências da natureza, não faz *jus* a esse modo peculiar

³ Diversos foram os filósofos e autores que se dedicaram a este, ao exemplo de Auguste Comte (1798-1857), Hermann Ludwig Ferdinand von Helmholtz (1821-1894), Wilhelm Dilthey (1833-1911).

⁴ Esse tema já foi abordado, em outras ocasiões, de maneira mais detida. Para mais, cf.: Kahlmeyer-Mertens (2024) e Kahlmeyer-Mertens, Santos (2020).

de conhecer que as ciências humanas têm; elas precisam de fundamento para ser o que são e permitirem um conhecimento coerente e não serem metodologicamente enquadradas em um método que não respeita seus modos de ser. Essa premissa encontra formulação categórica no próprio Gadamer (1963): “Não se trata de simplesmente definir um método específico, mas de fazer justiça a uma ideia completamente diferente de conhecimento e de verdade.” (p. 17)

Como segundo motivo, olhando para Aristóteles, diz-nos Gadamer (1963): “Em Aristóteles, por exemplo, a ideia de um método único que poderia ser determinado antes mesmo de examinar a coisa constitui uma abstração perigosa; é o próprio objeto que deve determinar o método apropriado para examiná-lo.” (p. 18) Daqui derivamos que, enquanto carente de um fundamento próprio a si, as ciências humanas usaram do método aristotélico, assumindo sua conduta em face do objeto que investigavam, assumindo uma conduta mais plausível. Essa medida apontada por Aristóteles como perigosa ao esquematizar método único para diferentes objetos é ineficaz e disfuncional. Portanto, em vez de impor o método utilizado nas ciências da natureza (afinal, os últimos séculos de ciências humanas da época não fizeram dessa maneira), devemos olhar para os objetos desse grupo de ciências humanas e para o modo de conhecer dessas ciências.

O terceiro motivo é que utilizar tal método (que tem na base a lógica indutiva de todas as ciências empíricas), não nos traz o conhecimento pretendido pelas ciências humanas enquanto modo autônomo de saber, afinal:

[...] poder-se-ia dizer que, assim como nas ciências naturais, e o mesmo se aplica aos fenômenos morais e sociais, o método indutivo é, em ambos os casos, independentemente de qualquer hipótese metafísica. É totalmente indiferente, por exemplo, ao que se pensa sobre a possibilidade de um fenômeno como a liberdade humana: o método indutivo nada tem a ver com a busca de causas ocultas; apenas observa regularidades. (Gadamer, 1963, p. 21)

Assim, corroborando ao filósofo, acrescentaríamos que:

[...] em lugar do elemento humano numa ciência humana, tem vez o *procedimento que constata ocorrências, computa regularidades, calcula probabilidades, empreende generalizações, projeta asseguramento e exerce controle*. Isso patenteia que o modo de proceder das ciências naturais é eminentemente lógico, sem que esteja em apreciação qualquer vivência espiritual ou princípio relacionado a uma metafísica do humano; ainda, que o modo das ciências naturais seria o único a oferecer validade, certeza, além do bem científico mais caro que, à época, especialmente entre os anglo-saxões, se expressava com entusiasmo pela palavra “*assurance*” (= garantia) (Kahlmeyer-Mertens, 2024, p. 17)

Como vemos, é justamente nessa indiferença em relação às causas ocultas que reside o problema da aplicação do método indutivo nas ciências humanas, já que a indução abstrai completamente a vivência do fenômeno abordado; nesse caso, do objeto histórico (= história) referido por Gadamer em sua investigação. Diversamente do que se espera de uma lida compreensiva com a história, o método indutivo observa regularidades, identifica padrões, cria generalizações históricas contrariando aquilo que seria propriamente o anseio do historiador que pretende “[...] não saber como os homens, os povos e os Estados se desenvolveram em geral, mas, ao contrário, como esse homem, esse povo, esse Estado se tornaram o que são; como todas as coisas poderiam ter surgido e estado lá.” (Gadamer, 1963, p. 20) Trata-se, assim, de compreender, em sua especificidade, unicidade, singularidade, o fenômeno histórico e qualquer outro fenômeno que pertença às ciências humanas.

O quarto motivo, por fim, refere-se ao fato de o conhecimento histórico não dever seguir o modelo do conhecimento objetivista utilizado pelas ciências naturais, pois, ele mesmo, enquanto saber objetivo, é um acontecimento histórico. (Gadamer, 1963) No entanto, mesmo esse modo de conhecer indutivo das ciências naturais tem as características de um acontecimento histórico: esse conhecimento moderno e objetivo não é outra coisa senão o resultado da história, do passado que inflige no presente. Uma vez que se viu a necessidade de um modelo de conhecer das ciências naturais, criou-se tal metodologia e, assim, até hoje as ciências naturais usam de tal método porque tradicionalmente não foi contestado e substituído e, provou-se eficaz para esse grupo de ciências (Japiassu, 1978).

No entanto, por ser um acontecimento histórico, ele não pode ser utilizado como método, como conduta e fundamento da própria história ou das ciências humanas. Desse modo, não podemos utilizar, o mesmo método que as ciências da natureza possui e nem o fenômeno histórico pode fundamentar a própria ciência que deve analisá-la; sendo assim, torna-se necessária a fundamentação de uma hermenêutica que sustente de maneira satisfatória esse modo de conhecer diferente que são as ciências humanas. Essa tarefa tem caráter filosófico, é um problema de filosofia.

3 A PRÁXIS HERMENÊUTICA, A COMPREENSÃO E A HISTORICIDADE

O conceito de hermenêutica em seu significado tradicional diz respeito a interpretação de um texto, a *arte do interpretar*, orientando ao longo da sua história, enquanto método de interpretação, os modos mais viáveis de sucesso para se apreender as partes e o todo de um texto. Desse modo, a hermenêutica era um método de interpretação de textos, mas, a partir de Dilthey, e especialmente com Heidegger, a hermenêutica passa a se tornar uma espécie de interpretação do próprio campo da compreensão e do que isso significaria no horizonte do humano. Isso, por si só já insinua a hermenêutica como lógica do conhecer o humano, e prática que permeia sua ciência. Em verdade, mesmo a possibilidade do modo de conhecimento das ciências da natureza é derivada, é um compreender derivado e não mais o principal modo do

conhecer. Nas palavras de Gadamer (1963): “[...] o modo de conhecimento específico das ciências naturais é uma espécie de derivado da compreensão”. (p. 36)

Mas, então, o que é o compreender? Gadamer apropria esse conceito de Heidegger e faz a seguinte interpretação sobre ele na terceira conferência da obra *O problema da consciência histórica: “Martin Heidegger e o significado de sua ‘hermenêutica da facticidade’ para as ciências humanas”*:

Para Heidegger, a compreensão não é mais, como era para Dilthey, um ideal de conhecimento ao qual o espírito deve se resignar, nem o mero ideal do método filosófico. Ao contrário, a compreensão é a forma original de realização do ser-aí humano como ser-no-mundo. E, antes de sua diferenciação prática em duas possibilidades: interesse e interesse teórico, a compreensão é o modo de ser do ser-aí que a constitui como "saber-fazer" (*savoir-faire*) e "possibilidade". (Gadamer, 1963, p. 38)

Daqui depreendemos que a compreensão é abertura do *ser-aí* (= experiência paradigmática da essência do humano) ao horizonte de sentido que o mundo é, o que implica dizer que o ser-no-mundo que somos é sempre e a cada vez um ente de compreensão, que nossa situação de ser-aí implica em ser-compreensivo. O compreender deixa sua posição de operação ou possível método único de atuação como um modo do conhecer. A compreensão, tal como pensada por Heidegger e apropriada por Gadamer, acentua o caráter desse ente que já sempre compreende, tornando o compreender o modo primordial do ser-aí humano, isso significa dizer: Compreendemos algo *como* ciências humanas, *como* ciências naturais ou mesmo, num exemplo prosaico, *como* manacá na frente de minha casa, pois, primária e fundamentalmente, esse ente que faz ciência, compreende sempre e a cada vez. Assim, a compreensão acontece em todos os momentos, e estamos sempre na dinâmica de compreender, seja esta numa práxis cotidiana ou no domínio estrito da ciência.

Há uma compreensão a qual utilizamos para interpretar e nos movermos no dia a dia que torna possível tais tipos de conhecimentos derivados das ciências. A diferenciação entre conhecimento prático ou teórico, entre o conhecimento objetivo e indutivo das ciências naturais e o interpretar de um texto de maneira teórica, são modos derivados e tematizados do compreender.

Com isso, cabe a nós determinar a estrutura dessa compreensão na base da hermenêutica gadameriana, adentrando no tópico da antecipação e tradição como consequência da compreensão na base da hermenêutica. Compreender obedece a uma dinâmica circular (o que se chama de círculo hermenêutico ou círculo da compreensão), esta que parece acompanhar a práxis hermenêutica em jogo também nas ciências humanas. O compreender enquanto práxis e o fazer hermenêutico como o que se segue disso, já conta com certo cenário presente em todo compreender e interpretar, um tal cenário é sempre histórico, o que nos evidencia que sempre lidamos com ideias, noções e conceitos que provêm da história e que nos são legados por uma tradição. Algo, no entanto, decorre dessa interpretação do conceito de compreensão

de Heidegger enquanto recorrente ao tradicional, trata-se da evidência de que somos entes históricos ou, por outras palavras, que possuímos *historicidade*.

Seguindo Gadamer, Heidegger explora tais aspectos em sua univocidade na quinta conferência da já mencionada obra; ali, sobre isso, ele diz:

[...] para Heidegger, o fato de só podermos falar de história porque nós mesmos somos seres históricos significa que é a historicidade do ser-aí humano, em seu movimento incessante de espera e esquecimento, que permite que o passado ressuscite. O que antes parecia uma abordagem puramente "subjéctiva" do conhecimento histórico, prejudicial ao conceito de ciência e método, agora se coloca na vanguarda de uma questão fundamental. O pertencimento "condiciona" o interesse histórico, não apenas no sentido dos fatores não científicos e subjéctivos que motivam a escolha de um tema ou questão; se aceitássemos tal hipótese, interpretaríamos o conceito de pertencimento como um caso especial de servidão emocional: a simpatia. Ao contrário, "pertencer" à tradição não é menos original e essencialmente constitutivo da finitude histórica do ser-aí do que o fato de que esse ser-aí esteja sempre projetando-se em direção às suas possibilidades futuras. Nesse ponto, Heidegger enfatiza, com razão, que os dois momentos de "ser-lançado" (*Geworfenheit*) e "projetar" (*Entwurf*) devem ser sempre pensados em conjunto. Assim, não há compreensão ou interpretação que não coloque em jogo a totalidade dessa estrutura existencial, mesmo quando a intenção do sujeito do conhecimento é limitar-se a uma leitura puramente "literal" de um texto ou deste ou daquele acontecimento. (Gadamer, 1963, p. 41)

154

Derivamos da passagem que somos seres históricos pertencentes, desde sempre, a um contexto em meio ao qual sempre compreendemos o que quer que seja. Só assim, podemos interpretar a história, porque somos esses entes compreensivos e históricos, e compreender aqui não significa mera operação subjéctiva, a maneira do juízo de um sujeito. Ser histórico implica muito mais um pertencimento a um contexto que até podemos chamar de tradição, e é este vínculo que nos implica aos textos e contextos cotidianos a serem compreendidos. Precisamos, portanto, nos haver com o que fazer dessa consciência de que somos pertencentes a uma história e a suas tradições sempre influentes em nossas interpretações ao esboçar uma hermenêutica das ciências humanas. Será mesmo necessário cultivar uma lida compreensiva com nossa própria "situação existencial", esta que, para o filósofo, já marca nosso modo de sempre compreender, isso porque:

A compreensão de uma tradição histórica carregará necessariamente a marca dessa estrutura existencial do ser-aí [um projeto lançado e concluído]. O problema que então se coloca é como reconhecer essa marca na hermenêutica das ciências humanas. Pois, para as ciências humanas, não há dúvida de que elas devem "opor-se" ao processo, em

si mesmo histórico, da tradição à qual devem seu acesso à história. Escapar ou "libertar-se" da tradição não pode ser nossa principal preocupação em nosso comportamento em relação ao passado, do qual, como seres históricos, participamos constantemente. Muito pelo contrário, a atitude autêntica visa a um "cultivo" da tradição no sentido literal do termo, isto é, um desenvolvimento e continuação do que reconhecemos como o elo concreto entre todos nós. (Gadamer, 1963, p. 40)

Uma vez conscientes da historicidade, temos ciência de "sempre pertencer a uma tradição" que deve ser reconhecida e praticada de alguma forma. Assim conscientes, vemos que precisamos nos situar sempre diante do estabelecido na história, buscando compreender como cada fenômeno histórico guarda sua singularidade na ordem do tempo. Do presente, temos trato com o acontecimento histórico do tempo que nos é próprio; todavia, há o pertencimento à uma tradição que nos fala do passado influenciando em nossa vida com os acontecimentos históricos. Existe a necessidade de exercer uma *práxis* com a nossa constituição que sempre se influencia com o passado que nos interpela e toma parte nas compreensões feitas, tanto de teor prático como de teor teórico, e, desse modo, pode compreender e conhecer tanto o agora como a história, justamente por sermos entes históricos. (Gadamer, 1990)

De modo a encaminhar tal análise, faz-se necessário, no esboço dos fundamentos de uma hermenêutica, o olhar atento à historicidade e ao pertencimento a uma tradição. Assim, ao passo que o presente interpela o passado por meio de seu laço de pertencimento a uma tradição, lidamos com o acontecimento histórico do passado com o cuidado (= senso histórico) de não incorrer em embaraços absolutizantes que tomariam a medida do presente para medir os demais fenômenos históricos. Com isso, cabe-nos a continuada tentativa de aproximação aos contextos do período histórico em foco. Tal tarefa se apresenta necessária a quem quer que pretenda uma meditação sobre a fundamentação das ciências humanas e com a hermenêutica relacionada aos problemas epistemológicos tratados por Gadamer.

4 A ESTRUTURA CIRCULAR DA COMPREENSÃO E A ANTECIPAÇÃO

Anteriormente, com Schleiermacher, a hermenêutica, ainda como *doutrina da arte do compreender/interpretar*, operava análise minuciosa acerca de como a compreensão chegaria a acontecer em uma estrutura circular. Assim, o chamado círculo hermenêutico constitui: "[...] a relação circular entre o todo e suas partes: o sentido antecipado em um todo é compreendido por partes, mas é à luz do todo que as partes adquirem sua função iluminadora". (Gadamer, 1963, p. 55) A ideia é a de que todo texto tem nexos com o conjunto da obra do autor, e ao gênero literário do qual faz parte. (Lessing, 2019) Com isso, a investigação hermenêutica permite a apreensão dos argumentos apresentados, seus sentidos, seus significados, suas perspectivas intrínsecas ao texto interpretado, uma esfera de compreensibilidade que se sustenta por si mesma e pode ser interpretada sem "mística". Compreender, assim, é frequentar

o mundo compartilhado interpretativo seja de um texto ou de contextos, é a participação de uma visada comum e acessível a todos (Gadamer, 1990). Todavia, isso que temos na visada comum, a tradição compartilhada que nos interpela, que determina as antecipações e pré-conceitos que possuímos ao interpretar precisam ser vistas diferentes nessa hermenêutica.

O *círculo hermenêutico*, assim, tem um espaço entre o texto e aquele que o compreende, esse leitor que compreende faz vez de *mediador* entre o texto e a totalidade que este possui, compreendendo seu todo e suas partes, preenchendo lacunas, interpretando e reinterpretando conforme necessário for. Com isso, concluímos que a compreensão enquanto base da hermenêutica visada por Gadamer precisa ser colocada em um novo sentido, a estrutura circular da compreensão precisa ser reinterpretada, nesse caso, dentro da análise existencial de Heidegger. Vejamos um exemplo para melhor desdobramento e explicitação do conceito, retomando a ideia de uma interpretação de texto:

Assim que descobre elementos compreensíveis, o intérprete esboça um plano de significado para todo o texto. Mas os primeiros elementos significativos só aparecem se ele se dedicar à leitura com um interesse mais ou menos determinado. Compreender "a coisa" que ali se apresenta, à minha frente, nada mais é do que a elaboração de um primeiro plano progressivamente corrigido à medida que a decifração avança. (Gadamer, 1963, p. 57)

156

A compreensão é o modo de ser desse ente que já sempre compreende, isso acontece tanto em situações cotidianas como em interpretações de texto como apontado anteriormente. Gadamer usa desse conceito e funda sua hermenêutica, ao dizer que a leitura de um texto é um projeto de significação *que acontece no início da leitura* e até mesmo, é possível dizer, no próprio título.

O *caráter antecipador* da compreensão dá-se no projeto de significação, da pré-compreensão. Sempre, de maneira constitutiva do nosso ser, vamos aos textos enquanto intérpretes, ou aos contextos cotidianos, a qualquer tipo de interação no mundo com noções prévias que orientam nossa movimentação. Entretanto, no caso do exemplo de um texto, esse primeiro projeto esboçado está sujeito a retificação ou confirmação conforme a leitura do texto progride, do próprio (objeto) tematizado, tornando assim a compreensão um movimento circular, a objetividade reside nessa confirmação ou retificação. Assim: "A tarefa constante da compreensão reside na elaboração de projetos autênticos correspondentes ao seu objeto. Em outras palavras, é um empreendimento ousado que busca ser recompensado pela confirmação do próprio objeto." (Gadamer, 1963, p. 58)

Com isso em vista, é necessário ter atenção a essa estrutura da compreensão de antecipação que recorre a noções prévias para esses projetos interpretativos: essas noções preliminares influenciam a interpretação do intérprete, de tal modo que uma noção preconcebida errônea que não corresponda a coisa em questão manche o projeto

de interpretação que a compreensão de maneira antecipativa contempla. Diante disso, perguntamos: *Que operação deve ser realizada para evitar esse risco?* A resposta nos é dada pelo filósofo:

Qualquer interpretação de um texto deve, portanto, partir de uma reflexão do intérprete sobre as ideias preconcebidas resultantes da "situação hermenêutica" em que se encontra. Ele deve legitimá-las, isto é, examinar sua origem e valor. (Gadamer, 1963, p. 59)

Daqui não se segue que devêssemos evitar essa estrutura de antecipação; a rigor, isto sequer seria possível, já que essa estrutura está sempre ativa nos mais diversos contextos. O comportamento hermenêutico reside na explicitação das minhas pré-compreensões e não em uma neutralidade objetiva, que é impossível de acontecer e nem aconselhada é, a tomada de consciência de minhas opiniões torna tudo que é compreensível receptível para mim e possível de aparecer podendo manifestar sua verdade que lhe é própria. (Gadamer, 1963, p. 61) Não temos como fazer algo como "nos livrarmos de algo estrutural", ela é assim e devemos saber lidar com essa estrutura, esse movimento circular da compreensão que é antecipatório e não cessa jamais na compreensão de um texto e de contextos, (Gadamer, 1963) e podemos dizer, não cessa jamais enquanto compreensão em todos os contextos.

Possuindo como base constitutiva a compreensão, além de explicitar como a compreensão é, assegura-nos Gadamer que:

A abordagem de Heidegger articula-se, sem dúvida, em torno dessa tarefa universal, que, em todas as suas exigências, só se oferece a uma consciência histórico-hermenêutica. A partir daí, sentimos com todas as nossas forças a necessidade de construir em nós uma consciência que oriente e controle as antecipações implícitas de nossos procedimentos cognitivos. (Gadamer, 1963, p. 61)

Com vistas a todo o dito até aqui, temos que o esboço de uma fundamentação das ciências humanas é, na verdade, dependente de uma hermenêutica. Sendo esta fruto da compreensão e a compreensão capaz de interpretar e respeitar o modo de ser dos objetos das ciências humanas, tal modo de pensar é o caminho para a fundamentação das ciências humanas. Gadamer realiza o esboço dessa hermenêutica através da história, da consciência histórica, movimento que ele adota após explicar a compreensão. E, nesse movimento antecipatório, podemos contar com a antecipação quanto a algo ter ou não um significado coerente, o que permite algo se manifestar como coerente e digno de investigação em primeiro lugar. Não se tenta compreender algo que se mostra como incoerente, o que pode acontecer é que algo se apresenta como coerente, e após análise, essa suposição é provada falsa, se revelando incoerente e incompreensível.

Com esses pontos fixados, podemos alcançar o que Gadamer chama de tradição e o comportamento histórico-hermenêutico, diz o filósofo: "A hermenêutica deve partir do fato de que compreender é estar em relação, ao mesmo tempo, com a coisa

mesma que se manifesta pela tradição e com uma tradição a partir da qual 'a coisa' pode me falar." (Gadamer, 1963, p. 63) Essa relação que temos com as coisas não ocorre de maneira pacífica e tranquila, há uma tensão entre o que nos é familiar e o que nos vêm enquanto estranho na mensagem que é transmitida pela tradição. Essa tensão funda a tarefa hermenêutica, e, essa mensagem transmitida, a coisa mesma que nos é passada a partir de uma tradição é o objeto da interrogação hermenêutica. (Gadamer, 1963) A hermenêutica, então, assume o papel de mediação nessa relação, no sentido que, o intérprete fica suspenso entre o seu próprio pertencimento a uma tradição, inerente e constitutivo de todos nós, e a sua distância do objeto que é seu tema de pesquisa. Isso quer dizer que a hermenêutica tem uma posição mediadora nessas relações buscando a melhor compreensão possível.

Tendo antes falado em tradição, podemos agora falar do fenômeno da distância temporal (= histórica). Este é um fenômeno que permite que as coisas nos sejam transmitidas, não se trata de uma literal e efetiva distância que deve ser vencida, mas sim que, é algo contínuo que inflige na nossa compreensão, pois, são compositoras da tradição, trazendo para conosco o nosso passado, construindo o presente em forma de preconceitos e permitindo que as mensagens históricas sejam transmitidas. Essa distância temporal é uma espécie de filtro em movimento contínuo de universalização, (Gadamer, 1963) que permite a colocação de novos preconceitos. Sendo assim possível distinguir os preconceitos antigos que cegam a compreensão e os preconceitos que a elucidam, que guiam a compreensão de modo a chegar a compreensões verdadeiras e não falsas.

Desse modo:

Compreender é mediar entre o presente e o passado, desenvolver em si a série contínua de visadas em que o passado se apresenta e se dirige a nós. Nesse sentido radical e universal, a aquisição da consciência histórica não constitui um abandono da eterna tarefa da filosofia, mas o caminho que nos é dado para alcançar a verdade que sempre buscamos. (Gadamer, 1963, p. 67)

Decorre daqui que a compreensão é a base de toda a hermenêutica que torna possível tais procedimentos nas ciências humanas; sendo, portanto, via para que a consciência histórica e a fundamentação das ciências humanas aconteçam, de maneira a permitir o modo autônomo de conhecer que elas são, se expressarem como elas são, de fato, a fundamentação das ciências humanas e da consciência histórica é uma tarefa de filosofia (Reis, 2003).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após introduzir a ciência como um modo de saber *sui generis*, caracterizando-a especificamente como ciência natural, possuidora de uma lógica indutiva, típica do legado empirista, indicamos as ciências humanas como aquelas que surgem do anseio de conhecer o humano com base na particularidade desse fenômeno e com vista a um solo que lhe é próprio.

Apoiados na interpretação que Gadamer faz do quadro, vimos que é possível identificar no modo de proceder das ciências humanas uma lógica hermenêutica, caracterizada pela conduta compreensiva e não somente indutiva. Na obra *O problema da consciência histórica*, o filósofo hermeneuta nos indica o quanto uma compreensão histórica pode ser encontrada no seio dessas ciências.

De um primeiro movimento do texto, depreendemos que as ciências humanas, espelhadas no modelo da história, busca um conhecimento do humano com base naquilo que há de singular em seu modo de ser, e não em uma generalidade característica dos objetos das ciências naturais.

Num segundo momento de nosso escrito, procuramos mostrar que (mais além da ideia de uma hermenêutica textual, ou seja, de uma doutrina da arte do compreender e interpretar, à maneira de Scheleiermacher) a hermenêutica acompanha o caráter dinâmico da compreensão se mostrando, ela mesma, como uma práxis. Além disso, considerou-se que o que quer que apareça à compreensão já é compreendido como algo e, nesse caso, como algo que se mostra a nós desde um mundo que traz a marca do histórico. Com isso, evidenciou-se que compreensão é sempre compreensão histórica.

Foi possível indicar, ao fim, que, para Gadamer, toda compreensão e, por conseguinte, também qualquer interpretação ocorre mediada por um projeto de sentido que sempre se antecipa ao todo do significado do texto, conjugando pressupostos, que apontam um plano de leitura que pode se mostrar plausível ou implausível. Desse modo, temos que todo compreender e interpretar são dinâmicos, uma práxis, sujeita a revisões, a retoques e a resultados sempre tentativos tendo em vista o que o contexto oferece.

REFERÊNCIAS

- GADAMER, Hans-Georg. *Le problème de la conscience historique*. Pref. L. de Raeymaecker. Louvain : Publications Universitaires de Louvain, 1963.
- GADAMER, Hans-Georg. Wahrheit und Methode – Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik. In: *Gesammelte Werke*. Hermeneutik I. Bd. 1. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1990.
- JAPIASSU, Hilton. *Nascimento e morte das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- KAHLMAYER-MERTENS, Roberto. Ciências humanas e suas raízes no conceito de "formação" (*Bildung*) em *Verdade e método* de H.-G. GADAMER. *Trilhas Filosóficas*, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 13–25, 2024. DOI: 10.25244/tf.v16i2.5851. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RTF/article/view/5851>. Acesso em: 14 ago. 2025.
- KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S.; DOS SANTOS, Giovani Augusto. *Befindlichkeit e Stimmung*, das tonalidades afetivas na analítica existencial de Heidegger. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 179–194, 2020. DOI: 10.12957/ek.2020.49403. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/Ekstasis/article/view/49403>. Acesso em: 14 ago. 2025.
- LESSING, Hans-Ulrich. Wilhelm Dilthey – O filósofo das ciências humanas. In: *Aoristo – International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*. Toledo, 2019, n.3, v.1, p. 14-31.
- REIS, José Carlos. *Wilhelm Dilthey e a autonomia das ciências histórico-sociais*. Londrina: Eduel, 2003.
- SCHALLER, Klaus. Das Menschenbild des Geisteswissenschaftlers. In: *Geisteswissenschaft und Naturwissenschaftens*. (Hrsg.) Wolfgang Laskowski. Berlin: De Gruyter, 1970, p. 124-153.

Submetido: 18 de julho de 2025

Aceito: 15 de agosto de 2025